



Apresente seu

PROBLEMA

Se Você tem dificuldade em conduzir seus alunos ou no ensinar certa matéria, dirija-se a esta seção que está ao seu dispor para ajudá-la a resolver seus problemas. Enderece para:

REVISTA DO ENSINO
Conselheiro de (citar a coluna)
Rua dos Andradas, 1428
Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul

LINGUAGEM

SARAH A. ROLLA

Auxiliar-técnico do C. P. O. E. da Secretaria de Educação, R. G. S.

ACONSELHA-SE A PRÁTICA DAS EXCURSÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA DE CURSO PRIMÁRIO?

A CRIANÇA, seja qual fôr o aspecto da educação no qual se pretenda desenvolvê-la, necessita de um fundo de experiências vividas com seu próprio organismo, isto é, com seus próprios sentidos, vivências essas que possam servir de base aos conhecimentos transmitidos pelos livros ou às informações dadas pelo professor.

Ao ensino da linguagem, como se sabe, é indispensável o enriquecimento das experiências e do pensamento do aluno e as atividades escolares têm de favorecer esse crescimento já que, em não poucos casos, o meio familiar de escassos recursos, quer materiais, quer culturais, deixa de oferecer essas oportunidades às crianças. Outras vezes, também, as experiências por elas adquiridas são incompletas ou imperfeitas, tornando-se necessário corrigi-las ou ampliá-las.

A prática das excursões, sob a orientação direta do professor, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de observação do aluno, habitua-o a tirar proveito do que vê, a concentrar a atenção em aspectos que antes lhe eram indiferentes, permitindo que adquira, em situação funcional, um sem número de vocábulos e expressões que se irão incorporando ao seu acervo lingüístico.

Além disso, o preparo da excursão, assim como a apreciação dos seus resultados oportunizam a prática de atividades específicas de linguagem, através das quais se irá processar o exercício dela por parte das crianças.

A seguir, apresentaremos sugestões de atividades que poderão derivar do preparo e realização de excursões:

1 — CONVERSAS, para:

- investigar o que a criança domina sobre o assunto que deverá servir de motivo para a excursão.
- planejar os trabalhos a serem executados durante a excursão.
- verificar as noções e conhecimentos que as crianças tenham ganho, com a realização da excursão.

2 — TRABALHOS DE COMPOSIÇÃO ORAL OU ESCRITA:

- pedidos de licença — agradecimentos — convites.
- resolução de problemas — respostas a questionários — resumos — relatórios.
- palestras a serem realizadas em auditório.
- notícias para o jornal da classe ou da escola.
- conclusões sobre observações realizadas.
- fichas para identificação de material colhido durante a excursão para o museu de classe ou da escola.

g) frases para ilustrar desenhos, modelados, recortes etc., que representem situações, personagens, animais ou objetos observados.

h) máximas para a confecção de cartazes de propaganda de campanhas motivadas pelas excursões (boas maneiras, assistência social etc.).

As excursões podem ainda motivar leituras para o esclarecimento de problemas surgidos, exercícios de correção e aplicação de conhecimentos gramaticais, etc.

Do ponto de vista da educação em geral, as excursões, permitindo o contato do aluno com situações de vida, com as diversas formas do trabalho humano, concorrem para despertar a simpatia do aluno por tal ou qual tarefa, favorecendo sua pré-orientação vocacional, ao mesmo tempo que lhe aumenta ou fortifica o sentimento de fraternidade.

Pela necessidade que se evidencia, através da prática das excursões de sair-se do ambiente da escola, vão se fortalecendo, nos alunos os hábitos de boas maneiras, o respeito pelas coisas públicas, pelas propriedades alheias.

As excursões favorecem ainda o aprimoramento do senso artístico do aluno, pelas oportunidades que oferecem de apreciação da natureza ou das criações artísticas do espírito humano.

Finalmente as excursões oportunizam ao professor um melhor conhecimento de seus próprios alunos que, em situação natural, se manifestam mais espontaneamente, revelando atitudes que, em classe, dificilmente poderiam ser apreciadas.

Estudos sociais

ALDA C. KREMER

Auxiliar Técnico do C. P. O. E. da Secretaria de Educação, R. G. S.

A S EXCURSÕES ou passeios escolares, quando cuidadosamente planejados pelo professor e com eficiência realizados, constituem recurso excelente não só para que se adquiram, em condições reais e interessantes, inúmeros conhecimentos previstos para o curso pri-

mário, como também concorrem para o desenvolvimento de hábitos e atitudes necessários a formação social do educando.

É condição fundamental para o êxito de uma excursão o conhecimento, por parte do professor, do local a visitar para que sejam previstas as observações e atividades a serem realizadas pelos alunos. Imprescindível, também, é a motivação da classe, que deve estar realmente interessada na participação da visita ou excursão e ter claramente fixado o seu objetivo. Muitas vezes um trabalho dessa natureza perde o seu valor e seus resultados são deficientes, porque a criança o realizou apenas como uma atividade diferenciada, um simples passeio sem finalidade definida.

Antes de realizar a excursão devem estar os alunos perfeitamente integrados no seu objetivo. Estudando ou reconhecendo aspectos da natureza (praias, montes, vales, rios, etc.), observando as diferentes formas da atividade humana (visitas a fábricas, fazendas, repartições públicas) ou examinando exemplares ou documentos de um museu deve a criança conhecer o fim da atividade que está efetuando. A finalidade de uma excursão pode ser: aquisição de conhecimentos que, no momento, interessem vivamente os alunos; colheita de material para o museu ou biblioteca da escola; desenvolvimento de parte de um projeto; realização de atividades ou experiências interessantes para a criança.

O estudo de um determinado tipo de acidente geográfico, de atividades econômicas, de serviços administrativos, etc., sempre que possível, deve ser realizado "in loco". As noções que se possam adquirir em seu ambiente real e que sejam fáceis de obter na fonte natural, ali devem ser procuradas, evitando-se seu estudo teórico na sala de aula. Especialmente nas últimas séries do curso primário é conveniente que o aluno tome contato com as diferentes atividades e profissões, conhecendo suas condições na localidade em que vive, seu valor social e as vantagens individuais que proporcionam.

Contribuem, ainda, as excursões para o desenvolvimento da sociabilidade dos alunos e dos sentimentos de fraternidade e cooperação que devem presidir as relações humanas.

Selecionar os pontos capitais a ressaltar durante uma excursão não implica em limitar excessivamente as observações dos alunos mas em prever um mínimo essencial de noções a adquirir, ao qual se acrescentarão as demais experiências e observações que, pessoalmente, cada criança possa realizar, de acordo com suas preferências e interesses.

Podem constituir motivo de excursão ou visita para classes da escola primária os seguintes locais:

1. Tipografias ou oficinas de imprensa
2. Prefeitura
3. Casas comerciais — importadoras e exportadoras
4. Estações de transportes (ferroviários, rodoviários, aéreos)
5. Porto
6. Correio e telégrafo
7. Mercados
8. Fábricas
9. Usinas de gás e eletricidade
10. Serviço de bombeiros
11. Igrejas
12. Bibliotecas
13. Museus
14. Arredores da localidade (um rio, um lago, um monte, uma granja, etc.)
15. Praças, jardins públicos, zoológicos, botânicos, etc.
16. Monumentos históricos
17. Exposições transitórias
18. Instituições assistenciais
19. Centros médicos

Aprovada pela classe a realização de uma excursão e conhecido pelo professor o local a visitar, uma série de providências serão tomadas. Constituem pontos a discutir em classe:

1. Que observar.

Para facilitar essa atividade a classe será dividida em grupos, especialmente do ponto de vista das aptidões e preferências pessoais. Cada grupo, se preciso for, elegerá um chefe ou coordenador, distribuindo-se as responsabilidades e fixando-se a contribuição de cada um para o trabalho da classe.

A seguir estudam-se os meios a empregar para o êxito das observações:

— elaboração de questionários para cada um dos grupos abordando especialmente os pontos mais importantes (causas e efeitos, origem, resultados, valor, etc. dos fatos ou fenômenos);

— relação das amostras ou exemplares a recolher (Por quê? e para quê?);

— Estudo dos recursos a utilizar para o registro das observações (notas claras, precisas e resumidas, desenhos, croquis, fotografias).

Outro ponto a discutir é o do material requerido para a excursão: cadernos de notas, lápis preto e de cores, bolsa para recolher o material, máquina fotográfica, binóculo, bússola, mapas etc., de acordo com a natureza e o objetivo da visita.

2. Como e quando realizar a excursão.

Elaborar o itinerário, escolher os meios de transporte, conhecer as distâncias, prever a duração da visita, resolver sobre o lanche ou merenda necessária, calcular as despesas, fixar a data e hora da excursão, constituem pontos importantes do trabalho de planejamento que deve o professor cuidar, orientando a classe para uma participação ativa na sua resolução.

Assentados esses problemas, cuidar-se-á, ainda, da autorização da diretora da escola e dos pais dos alunos.

É oportuno, então, estudar ou recordar as providências que devem ser tomadas e as atitudes que são indicadas durante a excursão:

— boas maneiras: no andar nas ruas e nos meios de transporte, ao ser apresentado e ao falar com outras pessoas, ao permanecer nos locais públicos;

— adequação, asseio e correção do vestuário;

— regras do tráfego;

Será conveniente obter a colaboração de todos os alunos, mesmo daqueles que não puderem participar da excursão, os quais poderiam colher informações, preparar material, etc.

3. Concluídas as atividades preparatórias está a classe em condições de realizar a excursão planejada.

Não é oportuno, durante a visita, que o professor faça excessivas observações, permitindo-se à classe uma atitude espontânea. As perguntas dos alunos serão respondidas e as explicações oportunas serão feitas, podendo, ainda, os mesmos, o que é bem mais interessante, solicitarem esclarecimentos às pessoas especializadas no assunto que, no momento, os acompanhem.

4. A verificação dos resultados.

Efetuada a excursão, os alunos, na aula seguinte, expressarão suas idéias sobre as observações colhidas, orientando o professor a discussão. As informações dos vários grupos irão se completando para uma apreciação final, processando-se, ao mesmo tempo, a crítica construtiva do material colhido.

Elaborar-se-á, depois por escrito e de preferência ilustrado um relatório da excursão, de acordo com o nível da classe. Esse relatório deverá ser incluído no jornal da escola ou no boletim da classe.

As experiências que a excursão proporcionar serão incluídas no plano de trabalho da classe, podendo motivar pesquisas e estudos posteriores. O material obtido pelos alunos, depois de convenientemente selecionado, classificado e rotulado com seu nome, procedência, data de sua obtenção e características especiais será encaminhado ao museu ou biblioteca da escola, incluído nas coleções da classe ou dos próprios alunos.

Matemática

SUELLY AVELINE

Prof.^a de Matemática do Ginásio Ruy Barbosa, P. A.
Auxiliar Técnico do C. P. O. E. da Secretaria de Educação, R. G. S.

QUAL A BASE PSICOLÓGICA DO ENSINO DA ARITMÉTICA?

A BASE psicológica do ensino da aritmética reside no conhecimento da psicologia da criança, principalmente, sob o aspecto do seu desenvolvimento mental.

A criança não deve ser considerada como um adulto em miniatura, mas um ser que apresenta em cada fase de sua evolução, uma fisionomia psicológica particular.

A criança é um organismo em desenvolvimento que cresce num mundo que lhe é peculiar e que não equivale ao mundo dos adultos.

À luz da Gestaltpsychologie, "o processo psíquico é um todo fundamental, uma estrutura ou Gestalt e esta estrutura é típica em toda a vida mental".

Podemos considerar o desenvolvimento mental sob o ponto de vista psicológico, como "uma sucessão de estruturas que se diferenciam, a cada momento, o que empresta às diversas etapas evolutivas da criança caracteres próprios e particulares".

As interessantes pesquisas realizadas por Gesell, Koffka, Piaget, Bühler, nos levam a admitir que existe, realmente, uma maturação de estruturas psíquicas e que, por essa razão, "todo alimento intelectual não é bom indiferentemente para todas as idades".

O ensino da matemática na escola primária deve, sem desnaturar a essência própria da matemática, apoiar-se sob a concepção estruturalista da psicologia, isto é, tanto o conteúdo da matéria, como o espírito com que é ensinada devem atuar não "apenas sobre certas faculdades fragmentárias do espírito, mas sobre todo o espírito".

Há necessidade de equilíbrio de todo o ensino, especialmente do primário em geral, e com mais forte razão, do ensino da matemática que deve sempre adaptar-se ao interesse e à compreensão da criança para poder atender eficientemente a todas as suas necessidades de ordem formativa e informativa.

Sem o conhecimento da psicologia da criança, do ritmo do seu crescimento físico e mental, sem o conhecimento das leis da aprendizagem, como poderíamos resolver os inúmeros problemas psicológicos relacionados com a matemática, entre os quais citaremos apenas os seguintes?

- formação da idéia de número;
- o processo natural da aprendizagem nas operações fundamentais do cálculo;
- o número, graduação e distribuição dos exercícios aritméticos;
- a relação entre a rapidez e a exatidão destes exercícios;

- como levar a criança à abstração?
- como fazer a criança refletir, raciocinar?
- como formar bons hábitos de trabalho?
- como tratar a criança que sente aversão pela matemática?

É, pois, na natureza da criança, na sua psicologia que vamos encontrar a solução destes problemas; e nelas ainda, que devemos buscar as sugestões capazes de nos orientarem na seleção dos conhecimentos e na escolha dos métodos e processos de ensino, e não, nas considerações de ordem matemática.

Destas breves reflexões que acabamos de fazer, podemos inferir que o educador só poderá levar a bom termo seu trabalho pedagógico se assentá-lo em bases psicológicas.

Não deve, de forma alguma, apresentar a matemática à criança e mesmo aos alunos do curso secundário como uma sistematização rigorosa e friamente cristalizada. Isto só contribuirá para despertar a aversão pela matéria e pelos estudos abstratos.

O ensino religioso

V.º

Padre HENRIQUE RETZ

A HISTÓRIA do homem que caiu duma escada quebrando a cabeça e saindo toda a tampa de cima é, em breves palavras assim: Um homem descia a escada e escorregando caiu e quebrou a cabeça saindo a tampa de cima. Chamado o médico, este colou a tampa, e depois quando completamente são o homem percebeu que por engano o médico havia colado a testa para trás e ao ir à Igreja, como está mandado ao benzer-se colocar primeiro a mão na testa e ele a tinha para trás, fazia o "Em nome do Padre" nas costas. Esta história se mal não me lembro é de Cornélia Pires. Mas advirto se ainda não o fiz que nestes artigos narrei histórias adaptadas para as crianças sem me importar do autor, pois também não as narro como próprias. Note-se: Esta história é adaptável a todas as classes pois é perfeitamente inteligível uma vez que seja contada com palavras adaptadas ao grau de inteligência de cada auditório, o que a mestra saberá fazer.

Outra história é a do senhor que enfurecido contra o padre que castigou seu filho porque não prestava atenção e não aprendia a fazer o "Em nome do Padre" foi pedir contas ao Reverendo. Levando consigo o filho que foi castigado, deixou-o à porta da Igreja e foi brigar com o padre e interpelou-o: Como castigou o senhor o meu filho? Ele é tão espertinho e inteligente, gabou-se então de que na casa todos eram muito espertos e inteligentes, invectivando o padre, mas a certa altura da argumentação (que a mestra fará do melhor modo que souber), perguntou o padre ao homem, quer ver que o senhor também não sabe fazer o sinal da cruz; o homem colérico fez do seguinte modo: Em nome do Padre e do Espírito Santo. Amém. Não disse? diz o padre, onde está o filho? o homem pensando que falava do filho dele que deixara à porta, respondeu prontamente: o filho, deixei lá na porta. Esta história só pode ser contada na cidade para as crianças do terceiro ano para cima.

Penso com isto haver proporcionado matéria suficiente para uma primeira aula.

II.ª AULA

Na aula anterior aprendemos o "Em nome do Padre", agora vamos ver para que é que nós devemos aprender o sinal da Cruz ou o que chamamos "Em nome do Padre". Toda a Oração que a Igreja faz ou os fiéis, começa pelo "Em nome do Padre". Nota: Digo aqui fiéis, mas é uma palavra que emprego na revista. Não deixe nunca cair de seus lábios palavra ou expressão que a criança não possa entender ou do contrario explique o que significa. Esta nota talvez seja desnecessária dado que as professoras de hoje, quanto a estas particularidades da pedagogia estão muito avisadas e são mesmo sagazes. As razões porque a Igreja começa sempre com o "Em nome do Padre" são para o catecismo de perseverança, não para aulas de preparação de Primeira Comunhão e para primeira instrução. Continuando; por meio desta oração introduzimos a criança no conhecimento das verdades de necessidade de inelo ou verdades sem as quais os cristãos não se podem salvar nem estar bem preparados para a Primeira Comunhão, serve pois, ou deve servir de sinal ou expressão mnemônica para que a criança se recorde dos principais mistérios da nossa fé. Não é necessário que a criança por um ato reflexo caia na conta que este sinal serve para isto, basta que realmente ele sirva para este fim.

Lembre-se também a mestra que sendo as circunstâncias variadas, não dou aqui aulas padrão senão mais, material para a professora preparar a sua aula. Mais tarde poderemos talvez ajudando a este material, dar uns esquemas de aulas para os diversos anos. Como todos nós sabemos um material ou programa ministrado em diversas circunstâncias e consumido, por assim dizer, antes do que em outras, quer devido à mestra, quer devido aos alunos e mil outros fatores. As verdades de necessidade de inelo são: Que existe um Deus em três pessoas iguais e distintas; que Jesus Cristo se encarnou, que sofreu paixão e morte na cruz para nos salvar ou remir. Finalmente e conseqüentemente a remuneração das boas obras com o premio eterno, o Céu, e o castigo dado por Deus pelas más obras praticadas, "o Inferno."

Música e canto orfeônico

IDA PAOLINI

Orientadora de Música

P. — Quais os meios empregados para a correção dos vícios de letras?

R. — A etapa inicial para corrigir os vícios das letras é analisar minuciosamente o texto; a seguir, explicar e interpretar o mesmo. Dar sinonímia e cuidar da dicção. A professora deverá ter uma preocupação constante com os elementos de caligrafia, insistindo na repetição de todas as palavras de dicção difícil, com grupos pequenos de alunos, porém nunca com um aluno somente, pois que em geral essa medida constrange e inibe. Seria contraproducente. A sinonímia e a repetição são ótimos auxiliares.

P. — Qual a razão da divisão da classe em 4 grupos e em que poderá influir favoravelmente tal processo? Há relação entre os 4 grupos e as 4 vozes do coro?

R. — Procurarei responder-lhe de um modo claro, embora sucinto, em virtude do pouco espaço. Num próximo número de nossa Revista, abordarei este ponto detalhadamente. A divisão em 4 grupos é uma necessidade por questão de disciplina e de estética. Nada tem de relacionado com as 4 vozes do coro. Uma coisa é a divisão da classe em 4 grupos e outra é a classificação das vozes (pelo timbre), atendendo ao elemento que se encontra nas classes, em que muitas vezes predomina um timbre ou outro. Por isso que toda a classe deverá conhecer todas as vozes. Deve haver a divisão em 4 grupos mesmo que a classe contemple somente a 2 vozes, porque se não é preciso a divisão em 4 grupos para cantar, para aplicar o manossolia, para os exercícios de ritmo, treino de intervalos, acordes; para o aperfeiçoamento da consciência do som, noções de caligrafia, correção de vícios e ainda para a boa disciplina, etc., ela se faz necessária, e principalmente em grandes conjuntos e grandes demonstrações. Resumindo, são 4 as vantagens da divisão em 4 grupos.

- 1) — Problema da disciplina
- 2) — Desperta o sentimento estético
- 3) — Facilita os exercícios orfeônicos
- 4) — Essencial para as grandes Concentrações Orfeônicas.



Eu, tu, ele... todos nos usamos

ANTI SUDORAL LIMOL

Reduz a transpiração sem contudo eliminá-la. Desodoriza o suor. Inofensivo e suave, não obstrui os poros. É prático e eficiente.

Um produto da
FABRICA LIMOL S. A.
Produtos Químicos

ANTISUDORAL IND. BRAS
Limol
MARCA REGISTRADA